

A CRIANÇA E O MEIO SÓCIO-CULTURAL: RELAÇÕES MÚLTIPLAS E CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE

QUERINO, Anmaina Andriola. *

Introdução

A defesa dos direitos da criança e do adolescente tem sido frequentemente discutida em nossa sociedade, prioritariamente no ensejo das políticas públicas e nas conferências que tratam deste assunto. Mas, como lembra Szymanski (2005) nem sempre a individualidade da criança foi respeitada e muito tempo se passou em que ela era vista como um brinquedo para divertir os adultos ou ainda mero objeto sexual. Ao analisar a história da política da criança e do adolescente nos deparamos com situações de trabalho infantil, inserção precoce no universo adulto e práticas de infanticídio.

Somente com as mudanças culturais ocorridas pelo crescimento da vida urbana a partir do século XV é que a criança passa a ser integrada na comunidade através da educação escolar e a ser tratada como indivíduo de direito, fato reforçado, no Brasil, pela aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 13 de julho de 1993 –lei 8.069/93- que passou a vigorar em 12 de outubro daquele mesmo ano. Cabe assim, ao Estado e a toda sociedade a preservação dos direitos à vida, saúde, alimentação, educação, esporte, lazer, profissionalização, cultura, dignidade, respeito, liberdade, e convivência familiar e comunitária (ECA, art. 4º).

Este trabalho discute a identidade da criança fazendo uma apresentação sobre as singularidades dela e sua relação com a família, a escola e o meio social.

O ser criança: um universo particular

Ponty (1990) apud Szymanski (2005) considera que a criança não é um adulto inacabado, ela tem identidade própria mesmo que seja diferente do que pensam os adultos, portanto não é verdadeira apenas a forma como estes últimos vêem e pensam o mundo. Isso pode ser visto, por exemplo, no desenho infantil que pode expressar à maneira em que a criança vê o mundo, o que chama a sua atenção, a observação dos símbolos, como vive a temporalidade ou como projeta os seus objetivos de vida. Na produção da criança é possível observar a sua liberdade em relação ao que já está imposto na nossa cultura e que ela assimilou.

* Assistente Social pela Universidade Federal da Paraíba e aluna do Curso de Especialização em Saúde da Família pela Faculdades Integradas de Patos- FIP.

No século XX surge uma nova idealização da criança ainda que pautada na idéia de um adulto em miniatura, só que desta vez, positivamente reconhecido como cidadão de direitos e assim, visto a sua individualidade e liberdade tendo ela os seus próprios espaços e pensamentos que devem ser respeitados. Mesmo assim, sabemos que ainda existe em nossa sociedade um grau de autonomia da parte dos adultos em relação à criança, ela continua sendo vítima da imposição de verdades, valores e posturas não podendo em muitos casos nem ao menos expressar a sua opinião e curiosidade sobre determinados assuntos. Talvez por ser um indivíduo dependente, do adulto, em quase tudo o que faz.

Muitas vezes, como diz Damazio (1994) o adulto acaba discriminando o pequeno ser não estimulando a sua criatividade, ignora seus passos, seu processo de descoberta em busca da maturação. O adulto deve sim, por sua vez, influenciar a criança a vivenciar experiências, fantasias, desenvolver sua criatividade e sua afetividade, é preciso dar liberdade à criança para que esta posteriormente seja um adulto consciente e social. A mente da criança é formada por aproximações concretas, às vezes imaginárias, relacionando pensamentos, sensações e ação concreta, ela está sempre unindo a realidade com a brincadeira, é capaz de se comunicar com objetos, dialogar sozinha com a realidade, criar seu mundo interior, até porque sua relação com a realidade acontece diretamente, de forma aberta e verdadeira.

Sabemos que a criança ainda está em desenvolvimento, ou seja, está em formação, conhecendo o mundo que lhe é estranho, novo, e que para ela também está se desenvolvendo. É um ser supersensível que está desvelando o mundo e adquirindo experiência. Por isso, a importância de permitir a expressividade, vendo-a como um ser ativo, pensante e criador. O imaginário, a espontaneidade, a brincadeira, a ação e o sentimento devem ser vividos e explorados, trocados e reelaborados entre as crianças e os adultos. O que ajudará enfim, a despertar o lúdico, a criatividade e a formação de sua identidade psicossocial.

Entender a criança, respeitá-la significa dialogar com ela, o que também pressupõe o reconhecimento da criança como outro, como sujeito: respeitar os seus impasses, a exploração verdadeira do real, o deslumbramento diante dos objetos, da natureza e das palavras, a espontaneidade de sentimentos e expressão de seus desejos e necessidades (DAMAZIO, 1994: 44).

O brincar é ponto crucial na vida da criança, já que é a sua atividade preferida e a ajuda no desenvolvimento da imaginação. O brinquedo acaba estimulando a mente do pequeno levando-o a refletir, a conhecer a si próprio e a sociedade. Através da brincadeira é

possível a reflexão sobre os comportamentos e as ações dos adultos com quem ela convive, nos quais estará se espelhando para a formação de sua personalidade e de seu processo de socialização. Enfim, o brinquedo poderá ser de grande valia para a estimulação do processo de aprendizagem, podendo ser usado como apoio pedagógico. Daí a importância de a criança ter o direito de brincar ao contrário de ser submetida a trabalhos ou quaisquer outras atividades consideradas específicas de adultos.

Laços de família: a criança e o adulto

A família é o primeiro referencial da criança, pois é nesta instância que seu comportamento psicossocial vai se formando. É a partir da família que ela vai conhecendo o mundo, a civilização e o adulto, despertando seus desejos iniciais. A relação da criança com o adulto é de dependência em função de ela ser indefesa e depositar neste total confiança. Na relação familiar a criança vai adquirindo experiências para a sua formação. É nesse contexto também, que ocorre uma certa hostilidade, quando a criança é tratada como um objeto dos pais. A dependência afetiva e material é confundida com a dominação absoluta, em que a família projeta no filho a satisfação do seu próprio desejo.

Entendemos por família a célula do organismo social que fundamenta uma sociedade. Locus nascendi das histórias pessoais, é a instância predominantemente responsável pela sobrevivência de seus componentes; lugar de pertencimento, de questionamentos; instituição responsável pela socialização, pela introjeção de valores e pela formação de identidade; espaço privado que se relaciona com o espaço público (LOSACO, 2005: 64).

Para Damazio (1994), na sociedade moderna as relações familiares estão cada vez mais difusas, os laços estão se tornando efêmeros e as crianças passam a conviver com essa outra forma de organização e é nesse meio que a criança recebe o auxílio inicial para a sua formação. Cada família constrói a sua própria história muito embora existam idéias nascidas culturalmente na sociedade, cada uma apresenta singularidades que surgem de acordo com a realidade vivida e dessa forma delimitam sua identidade. Identidade esta, que está relacionada com as práticas sócio-culturais do meio em que a família está inserida.

A família pode sofrer alterações dependendo do contexto sócio-econômico em que vive. Esta sendo pobre, por exemplo, passa por grandes dificuldades financeiras e sucessivas dificuldades para desenvolver laços de educação e de socialização, além de que hoje em dia é

muito comum à falta de tempo dos componentes familiares para o acompanhamento da criança, em geral, estão submersos a grandes jornadas de trabalho quando não, inseridos noutras atividades fora do lar, como: igrejas, reuniões ou outros meios lucrativos.

Criança e escola: conhecendo a si e percebendo o outro

A escola é outro referencial importante para a constituição da identidade infantil, pois é nela que a criança tem um maior contato com o coletivo, e onde são enriquecidos os seus relacionamentos e as suas experiências de vida. A educação da criança no ambiente escolar passa por certa formalidade, que visa prepará-la para a vida social, além de favorecer a abrangência dos conhecimentos científicos.

A escola é o espaço educacional que apresenta critérios normativos e pedagógicos específicos. A criança passa a ocupar este local e desenvolver o seu “eu” através de elementos que vão transparecendo a sua identidade, levando-a a se descobrir e reconhecer a sua autonomia. A convivência com as outras crianças e também com os professores proporciona uma troca de experiência e assim crescem as oportunidades sociais, surgem idéias, pensamentos e novos significados para o seu mundo. A escola além de integrar programas e critérios de aprendizagem ensinando a ler, escrever e resolver um problema aritmético, por exemplo, é também um espaço de inserção social e de reconhecimento através da sociabilidade, curiosidade, regramento, manifestação cultural, recreação entre outras ocorrências cotidianas que favorecem o desenvolvimento cognitivo da criança.

Ensinar conteúdos e habilidades necessárias à participação do indivíduo na sociedade; através de seu trabalho específico, a escola deve levar o aluno a compreender a sua própria realidade, situar-se nela, interpreta-la e contribuir para sua transformação; a escola é fundamental para a formação da cidadania. Por isso, nenhuma criança pode ficar excluída de seus benefícios. Todas as crianças têm o direito a uma sólida formação escolar. Todas têm o direito de sonhar e seguir seus sonhos, realizando seus projetos individuais e coletivos (ALENCAR, 2004: 59).

Construir o conhecimento com a criança é tarefa importante, cabe aos pais e educadores conversar, tirar dúvidas, discutir algumas questões respeitando a sua opinião e decisão, sendo interessante acreditar na capacidade do pequeno em realizar e entender algumas tarefas. É Claro que a relação de poder deve existir, ou seja, a autoridade dos pais e

educadores é fundamental desde que não desrespeite a subjetividade e autonomia da criança. Conta para uma boa educação escolar alguns requisitos materiais como boa estrutura dos prédios, acesso ao material didático, métodos pedagógicos adequados, formação continuada dos professores, possibilitando a estas condições psíquicas e materiais de ação educativa.

Criança e sociedade: o meio e a formação da personalidade

O meio social é uma referência que está vinculada à família e a escola, onde a criança está inserida. Ele é muito influente na constituição da personalidade do sujeito criança.

Nas favelas, por exemplo, as famílias estão submetidas a péssimas condições de moradia, de alimentação, de saúde, de salubridade, de informação, enfim, permanecem na exclusão. A situação de marginalidade faz parte, principalmente, do modo de inserção na estrutura produtiva da sociedade. As condições de inserção social no universo de trabalho são absolutamente desvantajosas, pois, permanecem as situações de desemprego e subemprego. Ocorrem ainda de os moradores serem submetidos ao trabalho desproporcional a sua capacidade vital com intensa carga horária e remunerações muito baixas. Esse quadro social tem total implicação na formação identitária da criança.

O meio social tanto pode bloquear ou favorecer o desenvolvimento do pensamento, isso dependendo do tipo de relação que se estabelece. Se o meio social se constitui como aquele onde as trocas simbólicas efetivamente se exercem, então a curiosidade e a expressividade das necessidades afetivas e cognitivas poderão se manifestar. Desse modo, o meio social passará a se constituir como um espaço de verdadeira atividade intelectual e de aprendizagem inteligente, pois a criança sentirá que os adultos e o grupo compartilham seus saberes (MONTROYA, 1996: 113).

Nos lares das crianças pobres, observa-se a deficiência de materiais instrutivos como jogos, brinquedos, livros, revistas e objetos que podem ser manipulados e observados; a falta de um modelo adequado de comportamento dos adultos e a ausência de ajuda efetiva dos pais no sentido de levar a criança a um desenvolvimento perceptivo, verbal e cognitivo adequado. Esses fatores influenciam na falta de desempenho escolar e na dificuldade de socialização das crianças (PATTO apud MONTROYA (1996)).

A relação das crianças com os sujeitos que compõem a sua família torna-se debilitada, isso porque grande parte dos adultos, sejam de comunidades carentes ou não, estão inseridos

numa carga horária de trabalho exaustiva ou em horários contraditórios ao das crianças, este é um fenômeno da sociedade moderna e acarreta uma falta de diálogo entre os membros familiares, podendo inclusive, ocasionar a desagregação das relações.

Outro fator importante que deve ser considerado sobre o meio social é o que Hall (2006) fazendo referência a Laclau (1990) comenta inferindo que na modernidade prevalecem diferentes concepções, ou seja, o antagonismo social gera posições diferentes, o que significa identidades diversificadas e o sujeito pós-moderno se diferencia daquele dos tempos passados que tinha identidade fixa, definida pelos valores culturais da sociedade. Isto se deve ao fato de estarmos vivenciando o período de globalização e transformação social, em que tudo muda constantemente.

Considerações finais

Vimos no decorrer do texto que a construção da identidade da criança recebe influências de sua relação com a família, com a escola e com a situação social na qual está inserida. São nestas relações que o mundo vai sendo desnudado pela criança e à medida que ela desenvolve o seu corpo, desenvolve também o seu conhecimento de mundo. Considerando o que diz Valente (1989) a criança recebe influência, tanto das condições em que vive junto com a sua família – conta aqui, o nível de escolaridade dos seus componentes, a estimulação de desempenhos e a linguagem – quanto da escola. Ou seja, influência de valores sociais e culturais do grupo ao qual pertence, iniciando assim, o seu processo de inserção na sociedade.

A criança está construindo o seu próprio conhecimento e história de vida, inserida num mundo em que também existem relações de classe, de etnia e de gênero. As ações vão se concretizando enquanto a criança interage com o outro, importa para o seu desenvolvimento e crescimento social: linguagem oral e escrita, números, brincadeiras e cultura. Neste tocante, concluímos que a criança se desenvolve através da vivência no meio humano, o conhecimento surge da relação dialética entre pessoas, na troca de idéias, na competição e assim por diante.

Daí a importância que têm os pais, os parentes, a escola, as outras crianças e o próprio meio para os pequenos, principalmente neste momento que como diz Hall (2006), vivenciamos uma crise de identidades abalada pela progressiva mudança estrutural que transforma as sociedades modernas deste o final do século XX. E é neste panorama de mudanças constantes que a criança capta as situações cotidianas e constrói o seu conhecimento social a partir da realidade vivida.

Referencias Bibliográficas

ALENCAR, Semíramis. **Para que Serve a Escola.** 2004. Disponível em: <<http://users.hotlink.com.br/fico/2004/08/funo-social-da-escola.html>>. Acesso em: 12 jan. 2008. As 11h20min.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2ª ed. Rio de Janeiro/ RJ: LTC, 1981.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** (2003): Realização Ministério da Justiça/ Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Departamento da Criança e do Adolescente/ Fórum Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente – PB.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **De Menor a Cidadão:** Notas para uma História do Novo Direito da Infância e da Juventude no Brasil. Ministério da ação Social, Centro Brasileiro para a infância e Adolescência. (S/d).

DAMAZIO, Reinaldo Luiz. **O que é Criança.** Coleção Primeiros Passos. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GUIMARÃES, Maria Helena. **A Avaliação Externa deve Ser Usada para Melhorar o Ensino.** Revista Escola, São Paulo, n. 184, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** (Trad) Tomaz Tadeu da Silva et al. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOSACO, Silvia: **O Jovem e o Controle Familiar.** In ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (orgs) et al. Família: Redes, Laços e Políticas Públicas. 2º ed. São Paulo: PUC SP/ Cortez, 2005.

MONTOYA, Adrian Oscar Dongo. **Piaget e a Criança Favelada:** Epistemologia genética, diagnóstico e soluções. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

ROMAN, E. D.; STEYER, V. E. (orgs). **A Criança de 0 a 6 Anos e a Educação infantil:** Um Retrato Multifacetado. Canoas: Ulbra, 2001.

SARTE, Cynthia A. **Famílias Enredadas.** In ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (orgs) et al. **Família: Redes, Laços e Políticas Públicas.** 2º ed. São Paulo: PUC SP/ Cortez, 2005.

SZYMANSKI, Heloísa: **Ser Criança: um Momento do ser Humano.** In ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (orgs) et al. **Família: Redes, Laços e Políticas Públicas.** 2º ed. São Paulo: PUC SP/ Cortez, 2005.

VALENTE, Flávio Luiz Schieck (org). **Fome e Desnutrição:** Determinantes Sociais. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.